



Leituras midiáticas da obra de Amácio Mazzaropi¹

COORDENAÇÃO:

Prof. Dr. Robson Bastos da Silva²
(Universidade de Taubaté – Unitau / Universidade Santa Cecília – Unisanta)

PARTICIPANTES:

Eliane Freire de Oliveira³, docente
(Universidade de Taubaté – Unitau)

Viviane Fushimi Velloso⁴, docente
(Universidade de Taubaté – Unitau / Faculdades Integradas Teresa D’Ávila – Fatea)

Francisco de Assis⁵, mestrando
(Universidade Metodista de São Paulo – Umesp)

RESUMO

O objetivo da mesa é discutir aspectos relacionados à obra de Amácio Mazzaropi, cineasta brasileiro de maior representatividade no cenário cinematográfico nacional. Parte-se de três discussões distintas, que avaliam a circulação de cópias fílmicas em DVD nas locadoras de Taubaté (SP); a representação cultural de momentos históricos do país, com a leitura crítica dos filmes “Jeca Tatu” e “Meu Japão Brasileiro”; e o espaço destinado a tal produção na imprensa paulista. Trata-se do resultado de um trabalho conjunto, desenvolvido no primeiro semestre de 2008 por pesquisadores do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Comunicação (Nupec), vinculado à Universidade de Taubaté.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Amácio Mazzaropi; cultura caipira; mídia.

¹ Mesa apresentada no 3º Colóquio Multitemáticos em Comunicação (Multicom), evento componente do 31º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² **Robson Bastos da Silva** é doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor do curso de Jornalismo da Unitau e coordenador de Jornalismo da Unisanta. E-mail: robson-59@hotmail.com.

³ **Eliane Freire de Oliveira** é doutoranda e mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e professora da Unitau. E-mail: eliane-freire@uol.com.br.

⁴ **Viviane Fushimi Velloso** é mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professora da Unitau e da Fatea. E-mail: vivianefv@gmail.com.

⁵ **Francisco de Assis** é mestrando em Comunicação Social pela Umesp. Jornalista formado pela Unitau e editor da revista “Acervo On-line de Mídia Regional”. E-mail: francisco-nupec@uol.com.br.



PROPOSTA DE MESA

A proposta desta mesa é discutir aspectos voltados para a obra cinematográfica de Amácio Mazzaropi (1912-1981), considerado o cineasta brasileiro de maior representatividade no cenário midiático nacional, tendo alcançado os maiores recordes de bilheteria e o maior número de cópias de filmes vendidas e distribuídas no país.

Trata-se do resultado de uma série de estudos desenvolvidos por pesquisadores ligados ao Núcleo de Pesquisa e Estudos em Comunicação (Nupec), da Universidade de Taubaté, que têm procurado devolver a figura emblemática de Mazzaropi ao universo acadêmico, na tentativa de desvendar suas facetas e de manter viva a memória de um “jeca” que se tornou símbolo do Vale do Paraíba.

O debate ora organizado, em especial, reúne três abordagens que se ocupam da reflexão em torno da produção já mencionada. Para tanto, parte de três aspectos: o primeiro verifica a circulação dos filmes do cineasta nas locadoras de Taubaté – cidade onde foi produzida a maior parte de suas películas –, e estabelece relações entre o público em potencial desses materiais com o cotidiano interiorano; o segundo tópico analisa os filmes “Jeca Tatu” e “Meu Japão Brasileiro”, produzidos em 1959 e em 1964, respectivamente, na intenção de identificar traços culturais ligados a dois momentos históricos importantes para o país; o último ponto, por fim, observa a formação da agenda midiática em dois jornais diários do Estado de São Paulo – *Folha de S. Paulo* e *Valeparaibano* –, como forma de compreender o espaço que tais publicações têm destinado ao cinema de Mazzaropi.

Revisitar a obra desse “cineasta caipira” pelas perspectivas aqui apresentadas é uma possibilidade para que novos olhares sejam voltados a um cinema genuinamente nacional, que, mesmo tendo sido produzido há mais de duas décadas, demonstra traços de atualidade.



PAUTAS PARA DISCUSSÕES

Resumo 1

Fascínio e identificação do público com o eterno Jeca Tatu: um estudo de caso sobre a locação de títulos da obra de Mazzaropi

Eliane Freire de Oliveira – docente, Universidade de Taubaté

A obra cinematográfica de Amácio Mazzaropi, cineasta brasileiro com o maior recorde de bilheteria e maior número de cópias de filmes vendidas e distribuídas no país, está amplamente disponível em cópias fílmicas em DVD nas locadoras na cidade de Taubaté (SP), local onde o cineasta produziu a maior parte de seus 32 filmes, produzidos entre 1951 a 1980. A identificação do público que aluga os títulos protagonizados e dirigidos pelo cineasta é tamanha que, em algumas locadoras, encontram-se prateleiras inteiras dedicadas à obra de Mazzaropi, cujas capas de filmes destacam-se por cores intensas e ilustrações características. O número de locações também é considerável e é realizado por clientes das mais diferentes faixas etárias, inclusive de forma a repetir, ao longo de um curto período, a locação de um mesmo título. A fim de analisar o fenômeno de tal fascínio exercido junto ao público dessas obras, foi necessário a realização de uma pesquisa de opinião, de caráter qualitativo, buscando elucidar a seguinte problematização: o que de fato proporciona a fidelização do público à obra cinematográfica de Mazzaropi. Os resultados obtidos apontam para a confirmação das hipóteses formuladas de que: o público reconhece o cenário e as temáticas trabalhadas nas obras e se identifica com as narrativas simples da vida cotidiana em uma cidade do interior; há um sentimento de participação na obra, sendo comum o reconhecimento de habitantes locais como figurantes atuando nas locações; o humor leve e descompromissado, de caráter maniqueísta, com a temática do “bem vence o mal”, é um forte elemento de atração, oferecendo um contraponto às produções cinematográficas oferecidas no amplo acervo das locadoras; e, por fim, a atribuição de gênero “filme nacional” pelo público, ou seja, a obra de Mazzaropi é tida como legítima representante da produção cinematográfica nacional.



Resumo 2

O cinema de Mazzaropi e a identidade imagética do caipira valeparaibano

Viviane Fushimi Velloso – docente, Universidade de Taubaté

Por meio da análise dos filmes “Jeca Tatu” e “Meu Japão Brasileiro”, de Amácio Mazzaropi, pretende-se identificar os traços culturais representados nas imagens selecionadas ligadas a dois momentos históricos importantes para o país. No primeiro, Juscelino Kubitschek e sua política desenvolvimentista e a grande penúria das periferias dos grandes centros e da zona rural. No outro, Marechal Castelo Branco no poder, início do regime militar, e as primeiras iniciativas de reforma agrária. A fotografia dos filmes revela um conteúdo documental significativo que contribui para a construção da identidade imagética do caipira valeparaibano e sua relação com seu tempo histórico. Nos filmes de Amácio Mazzaropi, produzidos pela Pam Filmes, instalado na cidade de Taubaté, as experiências e vivências materiais de pessoas e de grupos, foram retratadas em filmes que utilizava uma linguagem visual extremamente exagerada em referência ao caipira. Com um apelo humorístico bastante acentuado, tratava as problemáticas do campo da política, dos relacionamentos humanos, do desenvolvimento urbano, entre tantas polêmicas de seu tempo. Amácio construiu um cinema popular, com uma amplitude de acesso que levava de crianças a idosos às sessões de exibição. A ingenuidade de suas produções, mesclada à crítica social, era facilmente compreendida por seu público e aceita, haja vista ao grande sucesso de público. A vitória do herói que ele criou, no contexto político desenvolvimentista da época, dava ao espectador esperança na resolução dos problemas sociais que se instalavam no país.



Resumo 3

Mazzaropi, um jeca esquecido pela imprensa

Francisco de Assis – mestrando, Universidade Metodista de São Paulo

O cinema de Amácio Mazzaropi sempre se constituiu como obra polêmica. Seus 32 filmes, produzidos de 1951 a 1980, quase sempre eram desprezados pela crítica especializada, por uma série de motivos, mas principalmente por vincularem-se ao estilo “chanchada”⁶, não utilizarem grandes recursos de edição e repetirem, constantemente, modelos culturais tradicionais. De todo modo, não se pode deixar de notar que suas produções conseguiram permanecer por mais de três décadas num mercado cultural ávido por novidades. Além disso, o cineasta conquistou a façanha de criar uma indústria cinematográfica genuinamente nacional e independente, uma vez que nunca contou com subsídios públicos ou financiamentos. Conseguiu, ainda, sobreviver, em meio às críticas, e permanecer, mesmo após sua morte, no mercado cinematográfico, tendo seus longas remasterizados, constantemente, e transportados para novos suportes, como o DVD e a Internet. No entanto, parece que resta pouco lugar para o jeca na imprensa brasileira. É exatamente nesse ponto que esta pesquisa quer tocar. Para tanto, foi observado o agendamento sugerido por dois jornais diários do Estado de São Paulo: *Folha de S.Paulo* (considerada um *prestige paper*) e *Valeparaibano* (maior veículo noticioso do Vale do Paraíba, região onde Mazzaropi produziu boa parte de seus filmes e encerrou sua carreira). A análise de conteúdo apoiou-se nos sites das referidas publicações⁷; em seus mecanismos de busca, foi digitada a palavra Mazzaropi, com a solicitação de procura pelos textos publicados no período de 1º de janeiro a 31 de maio de 2008. O resultado chegou a números que falam por si. No espaço de tempo abordado, a *Folha* publicou 9 textos com tal palavra-chave, sendo que quatro deles (45%) apenas mencionam o cineasta e suas obras; dois (22%) referem-se à fazenda onde eram feitas as filmagens e que hoje tornou-se hotel; dois (22%) constituem-se como roteiros, indicando onde e quando assistir aos filmes ou, então, divulgando alguma oficina relacionada à temática; e um (11%), por fim, trata-se de uma crítica a respeito do filme “O Corinthiano”. Já no *Valeparaibano* o nome de Mazzaropi apareceu em 11 ocasiões, sendo que cinco (46%) são roteiros; quatro (36%) fazem menção a ele; um (9%) trata

⁶ A “chanchada” foi o gênero dominante no cinema do Brasil durante as décadas de 1940 e 1950. Manifestação semelhante à de vários países, constitui-se em comédias de costumes, em tom geralmente satírico.

⁷ Disponíveis na Internet nos endereços: www.folha.uol.com.br e www.valeparaibano.com.br.



sobre o hotel-fazenda; e um último (9%) fala sobre uma exposição em torno de sua trajetória. Ainda com relação ao segundo jornal pesquisado, é interessante notar que o maior número de inserções – seis, 55% do total – aparece no mês de abril, quando se comemora o aniversário do cineasta. Fica claro, portanto, que a figura de Amácio Mazzaropi tem sido esquecida pela mídia impressa, sendo evocada, apenas, em ocasiões relacionadas a datas comemorativas ou quando há motivos para a divulgação de serviços em torno de sua obra, sem que haja qualquer interesse aparente para a preservação de um legado cinematográfico 100% brasileiro.



REFERÊNCIAS

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BENJAMIN, W. **O narrador**. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOSI, E. **Lembrança de velhos: memória e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2000.

GOUVÊA, L. G. **O homem caipira nas obras de Lobato e de Mazzaropi: a construção de um imaginário**. 2001. 145 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001.

MARTIN, M. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

TURNER, G. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.